

Hacia una visión holística de la experiencia en John Dewey

Rumo a uma visão holística da
experiência em John Dewey

Towards a holistic view of the
experience in John Dewey

Horacio Héctor Mercau¹

¹ Possui doutorado em Filosofia pela Universidad Nacional de La Plata (2012). Atualmente é pós-doutorando da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Educação. É membro do Grupo de Pesquisa Retórica e Argumentação na Pedagogia (USP/CNPq).

RESUMO

A pesquisa a seguir tenta mostrar, fazendo uma análise da filosofia da experiência de John Dewey, dicotomias infundadas. Essas dicotomias nos fazem ver o conhecimento científico, a ética, a estética e as questões da ordem social como setores com algumas áreas periféricas em conflito, mas essencialmente separadas. Dewey nos oferece uma maneira diferente de olhar para essa questão, aplicando métodos científicos às ciências humanas e sociais. A reconstrução da experiência por Dewey permitiu-lhe dar um passo importante para restabelecer a continuidade transaccional e, assim, mostrar como os julgamentos práticos e teóricos, , podem ser reduzidos ao mesmo padrão comum. Portanto, julgamentos de valor paradigmáticos são capazes de ser racionalmente experimentalmente garantidos, assim como julgamentos de consequências de meios. A reconstrução da experiência, portanto, é segundo Dewey, a superação da dicotomia entre teoria e prática encurtando a diferença entre ciência, arte e moralidade e, estabelecendo pontes entre elas.

PALAVRAS-CHAVE

Estética; Experiência; Holística; Investigação; Transação

RESUMEN

La siguiente investigación intenta mostrar, haciendo un análisis de la filosofía de la experiencia de John Dewey, que algunas dicotomías estarían infundadas. Estas dicotomías hacen que veamos el conocimiento científico, la ética, la estética y las cuestiones de orden social como sectores con algunas zonas periféricas en conflicto, pero esencialmente separados. Dewey nos ofrece una forma diferente de ver esta cuestión aplicando los métodos científicos a las ciencias humanas y sociales. La reconstrucción efectuada por Dewey de la experiencia le ha permitido dar un paso importante en el restablecimiento de la continuidad transaccional y de esta manera mostrar cómo los juicios prácticos y los teóricos, pese a todas sus diferencias, pueden ser reducidos al mismo patrón común. Por lo tanto, los juicios de valor paradigmáticos son susceptibles de estar garantizados racional-experimentalmente como lo son los juicios de medios-consecuencias. La reconstrucción de la experiencia, por tanto, es la que permite a Dewey, unir la teoría y la práctica, acortando la diferencia entre ciencia, arte y moralidad, y estableciendo puentes entre ellos.

PALABRAS CLAVE

Estética; Experiencia; Holístico; Investigación; Transacción

ABSTRACT

The following research attempts to show, by analyzing John Dewey's philosophy of experience, that some dichotomies would be unfounded. These dichotomies make us see scientific knowledge, ethics, aesthetics and questions of social order as sectors with some peripheral areas in conflict, but essentially separate. Dewey offers us a different way of looking at this question by applying scientific methods to the human and social sciences. Dewey's reconstruction of the experience has allowed him to take an important step in reestablishing transactional continuity and thus show how practical and theoretical judgments, despite all their differences, can be reduced to the same common pattern. Therefore, paradigmatic value judgments are capable of being rationally-experimentally guaranteed as are means-consequences judgments. The reconstruction of experience, therefore, is what allows Dewey to unite theory and practice, shortening the difference between science, art and morality, and establishing bridges between them.

KEYWORDS

Aesthetics; Experience ; Holistic; Investigation; Transaction

Introdução

A preocupação de Dewey com uma recuperação da filosofia que reconstrua a noção de experiência o levou à sua filosofia da experiência. Ele se dispôs a encontrar maneiras de tornar a experiência inteligente. Sua noção de experiência como ação inteligente e criativa é um procedimento que nos permite conectar o cognitivo e o afetivo de forma transacional. Dewey acreditava que a experiência inteligente deveria incluir uma relação de julgamento prático ou instrumental e julgamento estético ou expressivo. Por trás dessa intenção está sua grande aposta em se livrar do dualismo entre o caráter expressivo e instrumental da experiência, mostrando que não apenas esses dois atributos da mente humana interagem em toda experiência, mas também são intercambiáveis.

Neste trabalho veremos a filosofia deweyana de experiência em operação. Ela nos oferece ferramentas para reconstruir o conhecimento a partir das três fases que constituem a experiência. Primeiro, faremos uma reconstrução da experiência como uma investigação. Dewey descreve a investigação como uma formulação sistemática dos processos práticos de pensamento. Em segundo lugar, faremos uma reconstrução da experiência estética. Dewey considera a experiência estética um processo imaginativo de pensamento que ajusta o novo e o antigo e que nos permite avançar na reconstrução da experiência em sua fase de consumação criativa e emocional. Por fim, faremos uma reconstrução da experiência transacional. Dewey define a transação como o lugar onde mudanças concretas são feitas em uma base contínua.

Podemos dizer que sua noção de experiência inteligente exterioriza um caráter instrumental, expressivo e transacional. Desta forma, Dewey lança as bases para avançar para uma filosofia que empregará os mesmos critérios metodológicos no mundo dos valores que deram à ciência experimental e à arte seu poder. Consequentemente, veremos como esses critérios metodológicos, um produto do processo transacional de investigação e invenção, servem a Dewey como os elementos necessários para reconstruir a moralidade. Na fase cognitiva ou instrumental, a moralidade precisa de métodos de pesquisa para localizar dificuldades e males e métodos inventivos para traçar planos que usaremos como premissas de trabalho a serem enfrentadas. Por outro lado, onde há um fim-em-perspectiva, há uma união de apreciação com avaliação. A observação dos resultados obtidos, das reais consequências no seu acordo ou na sua diferença com fins futuros ou antecipados, fornece-nos assim as condições pelas quais desejos e interesses são postos à prova. Tais vivências são vivências de consumação, caracterizadas por sua integridade e completude, vivências permeadas por uma marcante qualidade estética.

Ao aplicar os critérios metodológicos específicos de investigação (avaliação), descoberta e invenção autorregulada (estética), a distinção entre valor-fato terá sido eliminada. A teoria da avaliação de Dewey nos leva diretamente à ação social ao reconstruir as instituições que promovem o crescimento da inteligência na vida da comunidade. Isso nos leva diretamente à natureza social dos fins e, com isso, à fase transacional da experiência. Em suma, podemos dizer que a filosofia da experiência,

como forma de fazer filosofia, nos fornece um modelo reconstruído de conhecimento, estética e moralidade em que o cognitivo e o criativo atuam.

Experiência como investigação

Os ensaios de Dewey em *Studies in logical theory* (DEWEY 1903/2003), junto com outros nos quais ele expande suas ideias, foram reunidos e reimpressos sob o título *Essays in experimental logic* (DEWEY, 1916/2003). Segundo Shook (1995, p. 543), “é aqui que Dewey desenvolve sua teoria da experiência de forma mais sofisticada”. Por outro lado, segundo Thomas Alexander (2002, p. 19), “aquele texto resolve algumas tensões atribuíveis aos elementos idealistas que ainda se encontram em Dewey”.

É em *Essays in experimental logic* que surge a noção de experiência não reflexiva, aquela experiência em que o conhecimento não constitui o objetivo principal do comportamento orgânico. Dewey distingue dois tipos de experiências: aquelas que não são reflexivas e aquelas nas quais o conhecimento - a investigação - é fundamental. Dewey está convencido de que em toda experiência humana existe conhecimento. Mas, em toda experiência, o conhecimento não é o principal, pois assim desfiguramos nossa experiência vivida; o que acontece é que confundimos a nossa experiência vivida com as distinções possíveis feitas nela em vista de um objetivo específico.

Dewey está ciente de que a maior parte de nossas vidas consiste em experiências que não são primariamente reflexivas. Estamos biologicamente ocupados em fazer, desfrutar, sofrer etc. E a investigação - como busca de conhecimento - surge quando há alguma perturbação por contratempos ativos. O objetivo da busca específica é localizar a dificuldade e conceber um método para lidar com ela. As soluções que resolvem o conflito não são aquelas que se limitam apenas a remover a sensação dos problemas, mas aquelas que confrontam - o pensamento - com o fato real.

Nesse sentido, como diz Dewey, a investigação é o instrumento que o pensamento humano - o instrumentalismo -, em sua evolução, usa para passar de uma situação ambígua para uma nova; esse processo é realizado por meio de um enriquecimento e ampliação de sentido mais coerentes, estáveis e expressivos.

A teoria instrumental apenas tenta estabelecer com algum escrúpulo onde reside o valor dele (função dedutiva) e como evitar que esse valor seja buscado onde ele não está. Afirma que o conhecimento começa com observações concretas que definem o problema e termina com observações específicas que testam uma hipótese para resolvê-lo (DEWEY, 1920/2003, p.165)

Segundo essa concepção de investigação, ideias, pensamentos, teorias e sistemas são instrumentos a serviço de uma reorganização ativa e transacional de determinado ambiente. Uma ideia é um plano para agir de certa forma como meio de elucidar uma situação específica. Quando esse plano nos leva ao nosso fim, é verdade,

isto é, “a verdade é um substantivo abstrato que se aplica à série de casos, atuais, previstos e desejados, que se confirmam nas suas obras e nas suas consequências” (DEWEY, 1920/2003, p. 170)

Para Dewey, o maior problema relacionado à verdade refere-se ao abandono do pressuposto da tradição clássica que pensa que a verdade e a falsidade são propriedades fixas das próprias coisas. Essa tradição se refere a uma divisão do mundo em duas classes de seres, um dualismo primário de um mundo acessível pela razão e outro pela observação, o que denota um contraste entre teoria e prática. Nesse sentido, a análise da investigação instrumental liberta o homem dos laços dessa tradição clássica, atribuindo-lhe maior responsabilidade, a partir da ideia de que a ciência, ao se tornar experimental, tornou-se um modo prático e direcionado de fazer as coisas. Quer dizer que

o pensamento de olhar para frente, para o eventual, para as consequências, cria inquietação e medo; perturba a sensação de descanso que está ligada às ideias da Verdade como uma coisa fixa já no sistema. Coloca sobre nossos ombros uma grande carga de responsabilidade, impondo-nos a busca, a observação incansável, o desenvolvimento escrupuloso de hipóteses e a verificação minuciosa (DEWEY, 1920/2003, p.171)

Dewey está se preparando para reinserir o conhecimento humano, por meio de sua noção de investigação - pensamento -, na matriz da teoria da experiência. Ou seja, “para abranger toda a prática-estética-social dos objetos envolvidos, o termo ‘pensamento’ deve ser tão flexível que a situação também possa ser chamada por qualquer outro nome que descreva uma forma típica de experiência” (DEWEY, 1903/2003, p. 333).

Em *Logic: the theory of inquiry*, Dewey (1938/2003) expõe as condições que tornam possível e os procedimentos que tornam fecunda a busca da verdade ou do conhecimento. Essa é a tarefa atribuída à lógica, precisamente definida como investigação. Podemos descrever o processo de investigação dizendo que, primeiramente, que a hipótese de investigação é uma situação indeterminada e seu resultado é um contexto específico. Dewey está pensando em uma experiência transacional entre o organismo e seu ambiente - interação orgânica - que

torna-se pesquisa quando as consequências existenciais são previstas; quando as condições ambientais são examinadas por referência às suas potencialidades; e quando as atividades de resposta são selecionadas e ordenadas por referência à atualização de algumas potencialidades em vez de outras, em uma situação existencial final (DEWEY, 1938/2003, p.111).

Em segundo lugar, os requisitos do problema são fatos estabelecidos pela observação. As soluções possíveis são consideradas ideias. Consequentemente, a situação indeterminada não pode ser o ponto de partida da investigação, a menos que suscite um problema. É um problema que representa a transformação pela pesquisa de uma situação problemática em uma determinada situação. Um problema bem

colocado está a caminho de uma solução por meio de uma investigação progressiva. As possíveis soluções indicadas pelos fatos observados não são aceitas por sua sugestão imediata, mas dão lugar à formulação de uma hipótese que pode promover e direcionar um experimento. A cooperação entre problemas - fatos - e soluções possíveis - ideias - é possível se ambos forem reconhecidos de forma operacional – estrategicamente.

Terceiro, formular um problema corretamente requer: a) que a situação não seja completamente indeterminada, mas sim que aquelas partes constitutivas da situação que são definidas devem ser buscadas. Esse é o papel da observação, pela qual se estabelecem os termos do problema, ou seja, as condições que qualquer solução possível para o caso deve levar em conta; b) a determinação das condições por observação irá sugerir uma possível solução do problema - ideia -; isto será apresentado como “consequências do que acontecerá quando certas operações forem executadas nas e com respeito às condições observadas” (DEWEY, 1938/2003, p. 113). Nesse sentido, a própria solução possível torna-se ideia quando é examinada e simbolizada em sua capacidade de meio de resolver uma situação; c) Nesse sentido, a correlação funcional recíproca entre o perceptivo e o cognitivo, aquele que determina o problema, o outro sugere soluções. Tal correlação ocorre dentro de uma situação problemática, em relação à qual sua validade é testada com base em sua capacidade de chegar a uma situação unificada.

Finalmente, podemos dizer que muitas vezes as soluções possíveis são excessivamente vagas. E é por isso que temos que desenvolver seu conteúdo de sentido simbólico de correlação com outras soluções possíveis. Esse desenvolvimento é o da inteligência, que, por meio das hipóteses inicialmente levantadas, atinge uma forma que as torna capazes de dirigir um experimento que descubra as condições que mais fortemente determinam se a hipótese pode ser aceita ou as modificações existentes para torná-lo conveniente. Consequentemente, os problemas e suas possíveis soluções são estrategicamente operacionais e, portanto, podem cooperar entre si. As ideias são operacionais porque são planos de ação sobre as condições existentes, a fim de obter novos fatos e organizar os fatos selecionados em um todo coerente. E os fatos, por sua vez, são igualmente operativos, porque não são meros resultados da observação, não são finais e completos em si mesmos, nem se distinguem das hipóteses. O que é dado é antes uma transação constante entre fatos e ideias.

A investigação bem-sucedida leva ao conhecimento, e o conhecimento agora pode ser caracterizado como o produto justificável da mesma investigação. Em relação a isso, não existem características intrínsecas que sirvam para demarcar o conhecimento genuíno: é no contexto da investigação - transação entre fatos e ideias - que encontramos os critérios para avaliar as reivindicações de conhecimento. A caracterização do conhecimento em termos de sua assertividade justificada também destaca a prioridade das normas e parâmetros necessários para a obtenção do conhecimento. Diretrizes e parâmetros obtidos e justificados por meio de investigação.

Experiência Estética

Por todas as mudanças produzidas na ciência e seu método experimental, vemos que a filosofia tem uma missão. A filosofia também deve alterar sua natureza, a menos que sofra uma ruptura completa com o espírito científico. É imprescindível que adote um caráter prático. Para Dewey, tanto a filosofia quanto a arte movem-se em meio ao sentimento imaginativo e, uma vez que a arte é a manifestação mais direta e completa da experiência, ela oferece uma intervenção única para as aventuras imaginativas da filosofia.

Dewey estava profundamente preocupado com o impulso contemplativo e espectador subjacente às noções kantianas de satisfação estética desinteressada, que menosprezava o impulso mais ativo e comprometido de viver a vida no modelo da obra de arte. Dewey também queria fazer a ponte entre o produtor e o consumidor na vida moderna, o que era um sintoma da divisão entre apreciação artística e apreciação estética.

Dewey queria destruir a dualidade entre ciência e arte. Havia fortes resquícios hegelianos na rejeição de Dewey das distinções categóricas de Kant e, de maneira mais geral, em seu desejo de curar as feridas da vida moderna ou pelo menos tentar superá-las por meio de um processo aberto de realização cumulativa. Esse processo implicava aquilo que Dewey chamou de ter uma experiência, o que significava a conquista de uma unidade orgânica, holística, que carrega sua própria qualidade individualizante e autossuficiente por poder contar com um padrão e uma estrutura que ocorre em um relacionamento de forma transacional. Enquanto insistia no imediatismo qualitativo de experiências estéticas intensas, em oposição às relações abstratas típicas da filosofia reflexiva, Dewey não negligenciou o momento de reflexividade dessas experiências. Conseqüentemente, ele fala de outra possibilidade de racionalizar a experiência além daquela da pesquisa científica. É o caminho da experiência estética, onde a fase emocional da experiência de vida aparece com clareza.

Segundo a concepção da experiência como inteligência criativa, há uma fase hipotética e regulatória dada pela investigação e outra fase emocional em que a imaginação cumpre a função de unificar conscientemente o novo e o velho. Para Dewey, toda experiência inteligente precisa de certo grau de imaginação,

porque se as raízes de toda experiência se encontram na interação do ser vivo com suas circunstâncias, essa experiência só se torna consciente, uma questão de percepção, quando nela entram significados derivados de experiências anteriores. A imaginação é a única porta através da qual esses significados podem encontrar seu caminho para a interação contínua; ou melhor, como acabamos de ver, a imaginação é o ajuste consciente do novo e do velho (DEWEY, 1934/2003, p. 276).

A experiência é inteligente e estética quando o que é dado aqui e agora é expandido com significados, expressões e valores extraídos do ausente cuja presença é apenas imaginativa. Sempre há uma lacuna entre o aqui e agora da interação direta

e as interações passadas cujo resultado conjunto constitui os significados com os quais apreendemos e entendemos o que está acontecendo agora. Para Dewey, essa é a lacuna que devemos superar para alcançar uma experiência inteligente e estética e só é possível fazê-lo com o uso da imaginação. Quer dizer que

Devido a essa lacuna, toda percepção consciente envolve risco; é uma aventura do desconhecido, porque ao assimilar o presente no passado também efetua uma certa reconstrução do passado. [...] A inércia do hábito impede a adaptação do sentido do aqui e agora com o da experiência, sem a qual não há consciência, que é a fase imaginativa da experiência (DEWEY, 1934/2003, pp. 276-277).

A vida com suas dificuldades torna-se mais inteligível e criativa na experiência estética. Não da maneira que a ciência e a reflexão os tornam mais inteligíveis (conceitualmente). Em vez disso, o que a experiência estética faz é apresentar seus significados como uma experiência refinada, coerente e intensa. Para Dewey, na experiência estética predomina a qualidade imaginativa, pois os valores e significados se manifestam por meio de expressões. Agora, quando um objeto útil é produzido (Dewey usa o exemplo da máquina a vapor), a imaginação também desempenha um papel. Agora, uma obra de arte não é o resultado da imaginação, mas opera imaginativamente. O que ela faz é conectar e expandir a experiência imediata. Por isso, a matéria formada a partir da experiência estética expressa os sentidos que são evocados imaginativamente e por isso “a obra de arte nos propõe o desafio de realizar um ato de evocação e organização por meio da imaginação do experimentador. Portanto, não se limita a ser apenas um estímulo e um meio para um curso de ação franco” (DEWEY, 1934/2003, p. 277-278). Essa é a singularidade da experiência estética. A experiência estética é experiência em sua totalidade. A imaginação é o poder que une todos os constituintes da matéria de uma obra de arte, formando um todo em sua variedade. Além disso, todos os elementos de nosso ser que se manifestam em outras experiências estão submersos na experiência estética. E eles estão tão completamente incluídos na totalidade imediata dessa experiência que cada um deles está dentro dela e não se apresenta como um elemento distintivo. Todas as experiências cognitivas têm um momento estético em seu caráter unificador, integrador e conclusivo.

Por isso, ao contrário de alguns dos mais importantes defensores da arte, Dewey - cujo respeito pela ciência nunca desapareceu - quis encontrar um equilíbrio entre os vários tipos de experiência, não a apropriação hostil dos outros por um deles. Ele até rejeitou firmemente a diferença radical entre natureza e arte, que havia sido o princípio básico do esteticismo. Nesse sentido, podemos dizer que o naturalismo de Dewey implica que ele enfatizou a continuidade entre os processos fisiológicos dos seres em seu ambiente natural e a variante mais intensa desses processos, que ele chamou de arte.

Dewey postulou sua variante estética como meta-normativa, um desiderato, e não como um dado da condição humana. Embora ele considerasse a

consumação e a integração a essência da experiência estética, quando se tratava de uma vida vivida esteticamente e não a experiência discreta de uma obra de arte, isso implicava um ideal regulador e não a realização de um estado de coisas. A experiência estética foi o objetivo da experiência autêntica, onde atinge seu caráter de consumação. Os meios e os fins foram reunidos aqui em uma unidade orgânica. Em *Art as experience*, Dewey (1934/2003) diz que

É, então, a mera ignorância que leva à suposição de que a conexão da arte e da percepção estética com a experiência significa uma diminuição em seu significado e dignidade. A experiência, na medida em que é experiência, é alta vitalidade. Em vez de significar enclausuramento nos próprios sentimentos e sensações particulares, significa uma troca ativa e atenta diante do mundo; significa uma completa interpenetração do self e do mundo dos objetos e eventos. Em vez de significar rendição ao capricho e à desordem, oferece nossa única possibilidade de estabilidade que não é a estagnação, mas o ritmo e o desenvolvimento. Visto que a experiência é a conquista de um organismo em suas lutas e conquistas dentro de um mundo de coisas, é arte em germe. Mesmo em suas formas mais rudimentares, contém a promessa daquela percepção deliciosa que é a experiência estética (DEWEY, 1934/2003, p.25)

O desafio constante de Dewey é buscar a cooperação funcional entre os dois personagens da experiência humana (instrumental e expressiva), mas de forma transacional. Em *Arte como experiência*, a atualidade e a possibilidade, o novo e o velho, o individual e o universal, a sensível e a significação, estão integrados em uma experiência que transfigura sentido e expressividade: "O significado da arte como experiência é incomparável na aventura do pensamento filosófico" (Dewey, 1934/2003, p.301).

Experiência Transacional

Dewey não considera a metafísica uma disciplina fundamental. Ele oferece uma caracterização das características salientes do mundo natural em suas continuidades com toda a experiência humana. Fenômenos como experiência, natureza humana, mente, conhecimento, arte e valor são concebidos como as funções naturais do organismo biológico interagindo em um ambiente caracterizado por mudança, ordem e desordem, obstáculos, instrumentos e fins.

Se Darwin nos ensina que não existem essências imóveis, se a psicologia nos descreve como organismos ativos em um ambiente em mudança, se a lógica mostra os usos de nossa faculdade simbólica para reconstruir situações existentes em conluio com nosso aparelho sensor-motor, então temos que acentuar a praticidade da realidade. Não há outra realidade para nós senão a realidade a fazer, contando com o que já existe. Ora, o que já existe carece de qualquer entidade subsistente e só pode ser descrito em termos práticos, como a soma das condições em que a ação

tem que se mover. Em *Does reality possess practical character?*, Dewey (1908/2003) nos diz que

Se a própria realidade está em transição [...] então a tese de que o conhecimento é a realidade causando em si um tipo específico e especificado de mudança parece ser a que tem mais possibilidades para cimentar nela uma teoria da realidade. Saiba que eles permanecerem em pleno contato com o que é genuíno e válido (DEWEY, 1908/2003, p. 129).

Para Dewey, aqueles que melhor realizam essa tarefa (que uma vez que o conhecimento ocorre faz diferença nas coisas) são o homem comum, o moralista e o experimentalista. Em primeiro lugar, o bom senso é catalogar e organizar adequadamente um conjunto de coisas para que efetivamente prestem um serviço. É a capacidade de adotar as ferramentas para o problema e escolher os recursos que cada tarefa requer. Em segundo lugar, a ciência experimental é o reconhecimento de que nenhuma ideia tem o direito de ser chamada de conhecimento enquanto não tiver sido submetida à operação das condições físicas das quais surgirá o objeto ao qual a ideia se refere.

Em suma, podemos dizer que uma realidade que não é para um uso ou mudança específica é indiferente ao conhecimento. Tudo isso sugere pelo menos uma

realidade a conhecer, uma realidade que é o objeto apropriado de conhecimento, é uma 'realidade de usos e não usos', direta ou indiretamente, e que uma realidade que não é em algum sentido de usos, ou de implicações para o uso, é absolutamente indiferente quanto ao conhecimento" (DEWEY, 1908/2003, p.130).

Podemos dizer que a adaptação orgânica que todo conhecimento carrega consigo é responsável por produzir certa diferença na realidade, mas não qualquer diferença. Existem reações que são apropriadas. A reação apropriada que faz a diferença na realidade tem que ser correta, verdadeira e boa. Isso significa que é essa reação que culmina satisfatoriamente o propósito concreto pelo qual o conhecimento ocorre. Além disso, tal funcionamento adequado implica mudanças cooperativas e reajustes no meio ambiente. Por este motivo, uma reação apropriada e legítima (verdade) é aquela relação entre o organismo e seu ambiente em que um funcionamento amplo e eficaz é alcançado, ou no caso de um problema e a necessidade de experimentação, sua retomada é facilitada sem inconvenientes. Conseqüentemente, essa reação apropriada é a verdade ou o que é a mesma realidade, ou seja, para fins práticos, a verdade das coisas e sua realidade são sinônimos:

Uma realidade que, quando passamos para o comportamento orgânico, desencadeia reações fora do alvo e nos desvia do objetivo, embora seja perfeitamente real existencialmente falando, não é uma boa realidade. Falta o selo de coragem. Já que o que queremos é um certo tipo de objeto, um objeto tão favorável quanto possível a um funcionamento coerente e pródigo, ou enriquecedor, é esse tipo, o verdadeiro, que para nós monopoliza o título de 'realidade (DEWEY, 1908/2003, p.136)

Dando um passo adiante, podemos dizer que, de acordo com Dewey, consciência significa atenção, significa uma crise de algum tipo dentro de uma situação existente. É um problema entre hábitos em que há perturbação das coisas. Mas consciência também é investigação. Como vimos na investigação, o que é duvidoso tem uma reconstrução experimental. Ela pode ser imaginativa ou especulativa. A reconstrução experimental significa que algo deve ser feito. Por essa razão, fazer a diferença na realidade não significa fazer uma diferença maior do que a que a experimentação nos diz que pode ser alcançada nas condições dadas. Nem significa transformar uma coisa em outra que não seja real. Talvez a maior dificuldade que encontramos nessa abordagem venha do fato de como conectar a existência anterior com a existência posterior dada pela experimentação, ou seja, como se relacionam, ou o que é igual, como ocorre a mudança. Claro que existem obstáculos e problemas, e como Dewey diz:

tanto dialético quanto real ou prático, no fato da mudança, no fato de que só algo que é permanente pode mudar e essa mudança é uma alteração de algo permanente. Mas, enquanto não proibirmos nossos botânicos e químicos de se referir às mudanças e transformações de seu objeto de estudo com base em que a mudança em uma coisa significa que ela perde sua realidade, também podemos permitir que o lógico faça o mesmo (DEWEY, 1908/2003, p.141).

Por meio de sua noção de transação, Dewey foi capaz de argumentar que a mente é um fenômeno emergente e que a inteligência desenvolve e expande as faculdades de julgamento humano. Ele acreditava que a consciência e o discernimento trabalham em conjunto com as emoções que nos permitem determinar se nossas ações e descobertas fazem alguma diferença, seja estética, moral, científica ou de valor social. Dewey concebeu a mente, a consciência, os processos de investigação e a experiência estética em termos de processos energéticos comuns, nos quais o pensamento e o comportamento humanos estão essencialmente interligados por meio da transação na experiência.

Experiência Holística

Vimos que a maneira como a investigação e a invenção são realizadas hoje traz consigo um resultado inevitável, uma mudança radical no conceito de conhecimento. Mas, ao fazer esta afirmação é necessário reconhecer que esta mudança só se fez sentir até hoje principalmente no aspecto mais técnico da vida humana. O homem multiplicou seu império sobre as energias naturais. As fontes de riqueza e prosperidade material foram controladas. Mas pouco foi realizado sobre as forças que controlam o bem-estar social e moral do homem. Além disso, podemos dizer que o progresso de que somos herdeiros, circunscrito a questões técnicas e econômicas, trouxe consigo graves perturbações morais. Para Dewey, a raiz desse problema está na lacuna que se

abriu entre a ciência prática e a apreciação estética contemplativa.

Para Dewey, o ideal e o real estão separados um do outro, sendo este o cerne do problema ou a lacuna anteriormente aberta. O problema está nos ideais infelizes que invadiram nossa história. Ideais que não seguiram o guia metódico da ciência. A filosofia tem por missão não resolver o problema da relação entre o ideal e o real, mas emancipar a humanidade dos erros que a própria filosofia alimentou, isto é, os da existência de situações completamente alheias ao seu movimento para o novo e diferente, e a existência de ideais ou fins.

Nesse sentido, podemos dizer que existem três significados de fim que Dewey distingue: primeiro, o prazo de uma transação; segundo, o fim em perspectiva que é imaginativamente projetado e desejado; e, terceiro, a consumação de uma experiência controlada. Todas as transações têm seus próprios objetivos qualitativos exclusivos. Na experiência humana, esses termos são a fonte de todo valor direto ou imediato. A existência desses valores imediatos depende de transações complexas. Consequentemente, são precários e constituem fins temporários. Quando há um conflito entre nossos desejos ou valores imediatos, somos confrontados com uma situação em que a decisão e a escolha são exigidas por meio de deliberação. Podemos investigar e deliberar; somos capazes de formular fins escolhidos para resolver os conflitos de situações concretas e fazer aparecer estados de coisas julgados desejáveis.

Onde quer que haja um fim em perspectiva, há uma união de apreciação com avaliação. Como vivemos, sempre existem conflitos e problemas, mas também podem ocorrer consumações concretas ou fins em perspectiva. Nosso comportamento

termina no sentido de resultados que põem fim àquela atividade particular, ao passo que um fim em perspectiva surge quando uma determinada consequência é prevista e, uma vez prevista, conscientemente adotada por desejo e deliberadamente transformada em gestor de propósito da ação (DEWEY, 1932/2003, pp. 185-186).

Quando nos deparamos com uma situação em que algo precisa ser feito, mas não sabemos o que devemos fazer, podemos deliberar para obter uma compreensão mais clara da situação e das consequências de possíveis cursos de ação. Vemos que Dewey examina a avaliação com o mesmo espírito com que examinou a investigação científica. O objetivo é descobrir os procedimentos que nos fornecem os valores mais inteligentes. Há, portanto, um aspecto crítico ou normativo na discussão de Dewey sobre avaliação. Ele não está apenas interessado em descrever as maneiras pelas quais os homens justificam suas decisões e escolhas, mas está nos dizendo como eles devem iniciar uma avaliação. E suas propostas são baseadas no que ele considera as formas mais inteligentes em que realmente decidimos, escolhemos e agimos. Nesse sentido, Dewey (1893/2003, p. 56) nos diz em "O ensino da ética no ensino médio" que uma "teoria da valoração deve ser, acima de qualquer outra, uma metodologia; já que a questão que o filósofo pode ajudar a responder não é o que fazer, mas o que nos dizem como decidir o que fazer".

Para Dewey, nossos valores, desejos e hábitos podem ser não racionais ou

mesmo irracionais, mas não estão separados de nossa inteligência. Eles podem ser moldados e transformados por meio de deliberação inteligente. A inteligência consiste na observação, na capacidade de descartar preconceitos para cumprir uma tarefa, na capacidade de vislumbrar fins para os quais possamos resolver situações em que haja conflitos, na capacidade de formular hipóteses e na vontade de revê-las no amanhecer de novas experiências. Nas situações em que é necessária uma ação imediata, a experiência acumulada da pessoa inteligente é o que orienta a sua ação.

O fato de sabermos a melhor forma de tomar essas decisões nos mostra a relação entre a investigação científica e nossa vida social e moral. As informações obtidas por meio de investigações científicas podem ser relevantes para nossa vida moral e social na solução de problemas morais e sociais específicos. Dewey nos convida a pensar que o conhecimento científico obtido nas ciências sociais e humanas pode desempenhar um papel enorme na determinação inteligente de nossas decisões, escolhas, deliberações e ações.

O que Dewey está recomendando é uma regra sobre como devemos deliberar. É um padrão com características holísticas baseadas na sua apreciação das virtudes exigidas pela investigação científica. Ele propõe que esses mesmos traços devem ser desenvolvidos para a tomada de decisões morais e sociais. Nosso desafio hoje é mostrar que

a maior lacuna no conhecimento é aquela entre assuntos humanísticos e não humanísticos. A falência desaparecerá, a brecha se fechará e a ciência se mostrará como uma unidade operacional do fato e não apenas do pensamento, quando as conclusões da ciência impessoal e não humanística forem utilizadas para guiar o curso do comportamento distintamente humano [...] A ciência não é apenas um valor (uma vez que expressa a realização de um desejo e interesse humano especial), mas constitui o meio supremo para determinar validamente todas as valorações que ocorrem em todos os aspectos da vida humana e social (DEWEY, 1939/2003, p. 250).

Considerações Finais

Da perspectiva de Dewey, a moralidade é intrinsecamente social, assim como é intrinsecamente humana. Quando, então, métodos específicos de investigação, descoberta e invenção autorregulada forem aplicados a ela, a distinção entre bens morais e bens naturais terá terminado. A moralidade reconstruída da qual Dewey nos fala, entretanto, tem muito pouco a ver com a moralidade tradicional, guiada pela ideia de que sem um ideal fixo de um bem para inspira-nos e guiar-nos, não têm nada que induza a aliviar as dificuldades presentes, nem desejos de libertação daquilo que oprime, nem de esclarecimento do que hoje confunde.

Por outro lado, a arte tem uma função moral. Para Dewey, a função moral e humana da arte só pode ser discutida com inteligência no contexto de uma cultura.

O efeito social da arte deve ser levado em consideração, uma vez que um ajuste consciente e constante da experiência vem do ambiente total criado pela arte coletiva de cada época. A arte molda as ocupações coletivas e determina a direção do interesse e da atenção (consciência) e, portanto, afeta o desejo e o propósito. Por isso, a arte tem sido o meio de manter vivo o sentido dos propósitos que vão além das evidências e dos significados que vão além dos hábitos. Visto que a arte é totalmente isenta de ideias derivadas de elogios e censuras, os curandeiros a veem como o lugar de onde os sinais de consideração moral podem ser engenhosamente extraídos. No entanto, essa indiferença ao elogio e à censura em sua preocupação com a experiência imaginativa constitui o cerne da potência moral da arte.

O que Dewey quer reconstruir é um método holístico para aumentar, desta forma, o valor concreto da experiência futura, tomando a experiência passada e presente como critério único e exclusivo, e onde esse valor concreto da experiência - investigação, estética e transacional - é uma qualidade indivisível. Seguindo os caminhos de Dewey, queremos restabelecer uma expressividade significativa e vigorosa da experiência que enfrente os dualismos que herdamos e que esteja comprometida com um holismo cooperativo e inclusivo. Se quisermos entender as conexões e relações que ocorrem dentro da experiência, teremos que nos aproximar desse valor plural da experiência.

Referências

ALEXANDER, Thomas M. "The Aesthetics of Reality: The Development of Dewey's Ecological Theory of Experience". En: **Dewey's Logical Theory: new studies and interpretations**. Burke, T., D. Hester, and R. Talisse (eds.). Nashville: Vanderbilt University Press, 2002.

BOYDSTON, Jo Ann; HICKMAN, Larry (Orgs.) **The Collected Works of John Dewey 1882-1953**, Carbondale, Illinois: Southern Illinois University Press, 2003. Electronic Edition, por Intalex in its Past Masters Collection, 2003.

DEWEY, John. **Teaching Ethics in the High School**. En: BOYDSTON, Jo Ann; HICKMAN, Larry (Orgs.). The collected works of John Dewey, 1882-1953. The Early Works, 1882-1898. v. 4: 1893-1894. Electronic Edition, 1893/2003, pp. 4-61.

DEWEY, John. **Studies in Logical Theory**. En: BOYDSTON, Jo Ann; HICKMAN, Larry (Orgs.). The collected works of John Dewey, 1882-1953. The Middle Works, 1899-1924. v. 2: 1902-1903. Electronic Edition, 1903/2003, pp. 295-383.

DEWEY, John. **Does Reality Possess Practical Character?** En: BOYDSTON, Jo Ann; HICKMAN, Larry (Orgs.). The collected works of John Dewey, 1882-1953. The Middle Works, 1899-1924. v. 4: 1907-1909. Electronic Edition, 1908/2003, pp. 125-142.

DEWEY, John. **Essays in Experimental Logic**. En: BOYDSTON, Jo Ann; HICKMAN, Larry

(Orgs.). The collected works of John Dewey, 1882-1953. The Middle Works, 1899-1924. v. 10: 1916-1917. Electronic Edition, 1916/2003, pp. 317-366.

DEWEY, John. **Reconstruction in Philosophy**. En: BOYDSTON, Jo Ann; HICKMAN, Larry (Orgs.). The collected works of John Dewey, 1882-1953. The Middle Works, 1899-1924. v. 10: 1920. Electronic Edition, 1920/2003, pp. 79-278.

DEWEY, John. **Ethics**. En: BOYDSTON, Jo Ann; HICKMAN, Larry (Orgs.). The collected works of John Dewey, 1882-1953. The Later Works of John Dewey, 1925-1953. V. 7: 1932 Electronic Edition, 1932/2003, pp. 1-462.

DEWEY, John. **Art as Experience**. En: BOYDSTON, Jo Ann; HICKMAN, Larry (Orgs.). The collected works of John Dewey, 1882-1953. The Later Works, 1925-1953. v. 10: 1934. Electronic Edition, 1934/2003, pp. 1- 352.

DEWEY, John. Logic: **The Theory of Inquiry**. En: BOYDSTON, Jo Ann; HICKMAN, Larry (Orgs.). The collected works of John Dewey, 1882-1953. The Later Works, 1925-1953. v. 12: 1938. Electronic Edition, 1938/2003, pp. 1- 527.

DEWEY, John. **Theory of Valuation**. En: BOYDSTON, Jo Ann; HICKMAN, Larry (Orgs.). The collected works of John Dewey, 1882-1953. The Later Works of John Dewey, 1925-1953. v. 13: 1939 Electronic Edition, 1939/2003, pp. 191- 251.

SHOOK, John R. "John Dewey's Struggle with American Realism, 1904-1910." en **Transactions of the Charles S. Peirce Society**, Vol. XXXI, N° 3, Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 1995.

SHUSTERMAN, Richard. **Performing Live: Aesthetic Alternatives for the Ends of Art**. Ithaca, Nueva York: Cornell University Press, 2000.

Submissão: **19/07/21**

Aceitação: **30/07/21**